

Cartografias do imaginário: história, língua e processos de subjetivação no Nordeste brasileiro

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8671662

Débora Massmann¹
UFAL

Isadora Machado²
UFBA

Maraisa Lopes³
UFPI

É isso, afinal, o principal para quem trabalha com a linguagem: não atravessá-la sem se dar conta da sua presença material, da sua espessura, da sua opacidade, da sua resistência.

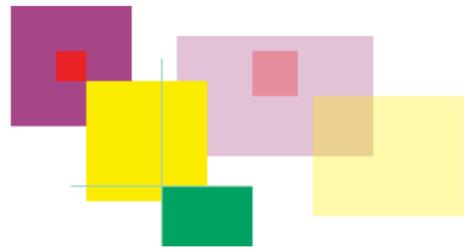
Eni Orlandi, em *Terra à Vista*

Nordeste - um nome entre sentidos “perfeitamente transparentes” e “profundamente opacos”, retomando os dizeres de Michel Pêcheux (2012 [1983]). Segundo Albuquerque Jr. (2001), em *A invenção do Nordeste e outras artes*, *Nordeste* é uma “espacialidade fundada historicamente” e que se origina no cruzamento de tradições de pensamento, de imagísticas e de textos que foram lhe fundando enquanto presença e realidade. Esse amálgama de

1 Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, atua junto ao Curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, na área de Análise de Discurso, Semântica da Enunciação e Estudos da argumentação. Líder do Grupo de Pesquisa DISENSO (Discurso, Sentidos e Sociedade). E-mail: massmann.debora@gmail.com

2 Escritora, linguista e ativista antimanicomial. É a favor de uma universidade pública, gratuita, socialmente referenciada, de qualidade e para todos. Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia. Líder da Grupa (Grupa de Práticas em Semântica e Discurso). Ensino, pesquisa e extensão: processos de significação na modernidade colonial-capitalista; epistemologias terceiro-mundistas; história das ideias linguísticas; filosofia da linguagem; análise de discurso; metodologia e investigação em humanidades. E-mail: isadoram@ufba.br

3 Professora associada da Universidade Federal do Piauí, atua junto ao Curso de Licenciatura em Letras-Libras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Linguística, com ênfase em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Líder dos Grupos de Pesquisa NEPAD e EntreRios. E-mail: maraisa_lopes@uol.com.br.



sentidos constrói imaginários para/sobre o Nordeste e, ao mesmo tempo que silencia (ORLANDI, 1992) a pluralidade histórica da região, define também as partes pelo todo.

Compreendemos, com Michel Pêcheux, que o imaginário é político e, portanto, dividido. Na articulação indissociável entre real-imaginário-simbólico, retomada da psicanálise lacaniana, Pêcheux (1997 [1969], p.82) afirma que “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)”, sem que haja uma correspondência biunívoca entre as situações e as posições.

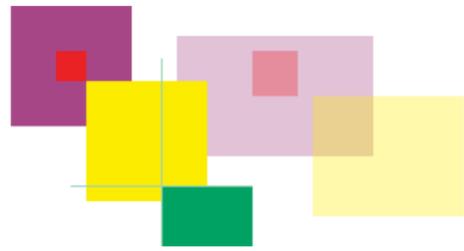
No dossiê *Cartografias do Imaginário: história, língua e processos de subjetivação no Nordeste brasileiro*, reunimos trabalhos que buscam compreender os meandros dos processos de significação - semânticos, discursivos, enunciativos - que constituem, produzem e fazem circular o imaginário do que seria o Nordeste e o *ser nordestino*.

Em “Ser “de fora” ou ser “de dentro”: uma abordagem semântica de sentidos de “ser nordestino”, Jorge Viana e Adilson Ventura percorrem a literatura brasileira a fim de pensar, com a Semântica do Acontecimento, as relações de ‘dentro’ e ‘fora’ na constituição dos sentidos de nordestino.

“Orgulho de ser nordestino”. Uma análise dos modos de dizer o sujeito nordestino e os seus modos de subjetivação” é escrito por Evandra Grigoletto e Fabiele de Nardi e as autoras analisam a constituição de sentidos em torno dos processos de subjetivação de pessoas nordestinas a partir dos enunciados “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino”.

Em “O nordestino segundo um presidente da República: imaginário, trabalho e disputa de sentidos”, Débora Massmann, Isadora Machado e Maraisa Lopes interrogam as questões de condições de produção, memória e formações imaginárias em torno de dizeres de Jair Messias Bolsonaro sobre o nordestino, compreendendo que há uma regularidade discursiva que significa nordestinos e nordestinas como aqueles que não gostam de trabalhar, que pode essa regularidade pode ser compreendida enquanto um traço da colonialidade do poder no discurso de Jair Messias Bolsonaro.

Em “Discursos dispersos e articulados: a região Nordeste e os sentidos de evidência reproduzidos na mídia”, Helson Sobrinho e Lídia Ramires fazem funcionar as noções de



discurso disperso e discurso articulado, analisando o modo como circulam dizeres pejorativos sobre o Nordeste na mídia hegemônica.

Rogério Modesto, Alan Lobo e Anderson Lins discutem, em “Nordeste e nordestino: efeitos de sentido no ENEM”, a maneira como “Nordeste” e “nordestino” são significados na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM, compreendendo-a enquanto um instrumento linguístico.

Palmira Heine e André Luiz Gaspari analisam, no artigo “Alegria, alegria é o estado que chamamos Bahia: corpo, memória e sentido em anúncios publicitários sobre o carnaval de Salvador”, os modos de discursivização dos corpos em propagandas que tratam do carnaval soteropolitano.

Na seção *Crônicas e Controvérsias*, temos o texto de José Magno Vieira - “Uma capital nordestina inscrita no sertão: as condições de produção de um discurso sobre a imagem de Teresina”, em que o autor reflete sobre formações imaginárias em torno do Nordeste, particularmente do Piauí e de sua capital Teresina, nas tensões entre o rural e o urbano a partir das construções de pontes que ligam o Rio Poti e o Rio Parnaíba.

Esperamos que esse Dossiê contribua para pensarmos as relações de poder entre sujeitos, línguas e territórios, mas também as possibilidades de resistência que insistem onde parece não haver furo. Pensar os sentidos de Nordeste e de nordestino a partir de diferentes perspectivas é, para nós, especialmente no momento atual, “uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”, como nos ensinou Michel Pêcheux (2012 [1983], p. 57).

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio – no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007 [1992].

ORLANDI, Eni. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2008 [1990]. PÊCHEUX, Michel. “Análise Automática do Discurso (AAD-69)”. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, F. HAK, T. [orgs.] **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani *et alii*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1969].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012 [1983].